

Rita Luís

Espanhóis em Portugal: ócio, militância e exílio no contexto do processo revolucionário (1974-1975)

Abstract: This article aims to address the Spanish reception of Portugal's revolutionary process, focussing on travel as a form of experiencing the Portuguese revolution that went beyond media consumption. Attention will be given to its motivations, integrating the Spanish experience in Portugal within the history of "political tourism". This integration will be performed in a critical way, by discussing points of convergence, and divergence, between the "political tourism" and the concept of exile regarding the Spanish experience. We understand the Spanish trips to Portugal as a form of exile, because they opened the possibility of performing activities abroad which were forbidden in Spain; even if part of a transnational movement, the experience of Spanish travellers was different from French, English or Italian ones. The trip, even if devoted to cultural consumption, was a transversal emancipatory experience shared by different social and political groups, whose common ground was the cultural rejection of Francoism. This praxis, usually exerted by Spanish oppositional primarily in France, will be momentarily extended to Portugal. Finally, Spanish tourism in Portugal will be important enough for different narratives to be established in both states.

1. A revolução não passa na televisão

Quando a 25 de abril de 1974 o Estado Novo é derrocado em Portugal por acção dos capitães do seu exército, na Espanha franquista vive-se com uma realidade mediática que não plasma, ou fá-lo de forma muito incipiente, a inquietação que se vai vivendo nas ruas de forma mais ou menos clandestina, mas nem sempre invisível. Manifestações de apoio à nova situação política em Portugal ocorrem em frente ao Consulado português em Barcelona¹ ou através de bandeiras portuguesas,² hasteadas em Universidades como a Complutense em Madrid,³ deixando estes acontecimentos marcas, por muito ténues que fossem, na imprensa – na mesma imprensa onde, por contraste, este apoio não foi expresso, muito pelo contrário. A manifestação que celebrava a derrota do golpe contra-revolucionário encabeçado pelo General Spínola contrasta com a grande cobertura feita, na imprensa espanhola, da fuga deste através de Espanha com destino ao exílio no Brasil. Há, portanto, uma dicotomia entre uma certa agitação sentida nas ruas e a sua representação nos meios de comunicação, que resulta da vigência de um sistema informativo que havia sido concebido⁴ para que, através da restrição ou da repressão, fosse contida, tanto quanto possível, a expressão de dissensão. Como é expectável, numa ditadura com controlo sobre a informação, determinados acontecimentos não tinham expressão na imprensa e muito menos em meios audiovisuais como a radio e a

¹ Archivo General de la Administración (AGA), Ministerio de Información y Turismo (MIT), "Cultura", caixa: 42/9117.

² "Por ocasião do 25 de abril. As manifestações estudantis de apoio à revolução em Portugal estenderam-se a muitas cidades de Espanha". *Diário de Notícias*, 28.5.1975, p. 2.

³ AGA, MIT, cultura, caixa: 42/9117.

⁴ Chuliá, Elisa: *El poder y la palabra. Prensa y poder político en las dictaduras: el régimen de Franco ante la prensa y el periodismo*. Biblioteca Nueva: Madrid 2001.

televisão, onde o regime tinha o monopólio da informação: televisão havia uma, na rádio o noticiário, “el parte”⁵, era apenas emitido pela RNE.

Na relação com o processo revolucionário em Portugal esta questão foi determinante. Na imprensa, de forma genérica, o foco da cobertura estará nas grandes figuras políticas e militares (António de Spínola, Francisco Costa Gomes, Otelo Saraiva de Carvalho, Mário Soares, Álvaro Cunhal), deixando de lado sujeitos colectivos como sejam operários, camponeses, associações de moradores ou de mulheres e até mesmo o MFA enquanto sujeito revolucionário colectivo, tornando desta forma a revolução num processo sucessivo de golpes, contragolpes e crises.⁶ Da televisão, de acordo com o trabalho de Virginie Philippe,⁷ a revolução estará praticamente ausente até janeiro de 1975, num momento em que é considerada inspiradora, e começa a aparecer enquanto caos, ou seja, dando conta da instabilidade política até depois do 25 de novembro, quando se começa a normalizar o discurso televisivo sobre o processo revolucionário em Portugal.

Como tal, no espaço mediático espanhol, dominado por uma cultura política de identificação com o Franquismo⁸ ainda que em processo de mutação, dominou, sobretudo a partir de 1975, uma narrativa de equivalência entre o conceito de democracia e o conceito de democracia europeia, representativa e integrada na cultura ocidental, que excluía a possibilidade de que a revolução em Portugal pudera ser considerada parte desse modelo e fora, por isso, a negação em si mesma da democracia. Será, no entanto, igualmente no interior do espaço mediático franquista que se conceptualizará uma forma alternativa de relacionamento com o processo revolucionário em Portugal como será a viagem. Num sistema informativo em que a restrição da participação vem acompanhada por um domínio de uma narrativa determinada sobre o processo em curso no país vizinho, surgem formas outras de relacionamento com este: a leitura de imprensa estrangeira que, mais ou menos livremente, está disponível nos quiosques das grandes cidades espanholas,⁹ a audição de rádios estrangeiras, também elas disponíveis em território espanhol, mas também esta forma não mediada que acaba por constituir a viagem.

Esta ideia, “A la revolución, en coche”¹⁰, título de uma das primeiras crónicas de Manuel Vázquez Montalbán depois do golpe de estado a 25 de abril, terá seguimento nas narrativas de outros jornalistas e colunistas durante o biénio revolucionário e assentará nos seguintes pressupostos: 1) que será massiva a ida de espanhóis a Portugal motivados pela novidade, a proximidade do evento e a diferença cambial que torna a viagem economicamente apetecível/possível; 2) que o turismo “evasivo” será substituído por um turismo motivado politicamente, apelando a um sector mais jovem e mais politizado da sociedade espanhola; 3)

⁵ O monopólio da informação radiofónica pertenceu, até outubro de 1977, à RNE o que significava que duas vezes ao dia, às 14h30 e às 22h, as rádios privadas se sintonizassem com a estação oficial para transmitir o seu noticiário. Cf. Balsebre, Armand: *Historia de la radio en España 1939-1985*. Vol.2, Cátedra: Madrid 2002.

⁶ Luís, Rita: *Spain and the Portuguese Revolution of 1974-1975: The Limits of a Surveilled Press*. PhD Thesis. Universitat Pompeu Fabra: Barcelona 2015.

⁷ Esta investigação baseia-se em programas de actualidades e notícias, mas não inclui o *Telediario*. Cf. Philippe, Virginie: “La revolución de los claveles vista a través de televisión española (abril de 1974-abril de 1976)”. In: Rina Simón, César (ed.): *Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica*. Universidad de Extremadura: Cáceres 2017, pp. 403-425.

⁸ Reig, José: *Identificación y alienación. La cultura política y el tardofranquismo*. Publicacions de la Universitat de València: Valencia 2007.

⁹ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9049.

¹⁰ Vázquez Montalbán, Manuel: “A la revolución, en coche”. *Tele-eXprés*, 13.5.1974, p. 5.

que, como tal, as características dos viajantes serão diferentes: a família será substituída pelo estudante progressista; 4) que Portugal substituirá França enquanto local onde consumir as possibilidades que a liberdade oferece.

Este artigo pretende mapear esta presença espanhola no Portugal revolucionário integrando-a em três tipos de práticas/attitudes contidas no que seria um tipo de turismo motivado politicamente, como enumera Maria Alexandra Lousada:¹¹ a militância, a curiosidade ou a peregrinação. Práticas que, no caso do viajante espanhol, terão de ser contrastadas com o fenómeno de exílio, ampliando a abrangência do conceito. Como tal, o presente trabalho insere-se numa mudança de paradigma que tem vindo a ocorrer num campo em vias de consolidação como é o dos Estudos Ibéricos, dedicado ao espaço ibérico enquanto um “complex, multilingual cultural and literary sytem”.¹² A reconceptualização¹³ a que este campo, outrora mais estritamente subordinado às temáticas, métodos e teorização do cânone luso-hispanista, tem vindo a ser sujeito¹⁴ permite, por um lado, integrar, através por exemplo do conceito de “modalidades ibéricas”,¹⁵ objetos do âmbito da história cultural, assente numa noção Tyloriana de cultura,¹⁶ como é o caso de um artigo que não saindo completamente do marco do estado-nação, já que a viagem é, neste caso, a transposição da fronteira do estado espanhol, pretende evidenciar como os hábitos de consumo cultural (e político), nomeadamente os cinematográficos, não só relacionam Portugal e Espanha, como inserem as práticas que ocorrem em ambos países no âmbito de numa cultura mainstream que se diria ocidental. Por outro lado, perceber o lugar de relevo que terá a experiência vivida em Portugal para a cultura política de vários sectores espanhóis pretende contribuir para a consolidação dos Estudos Ibéricos através de três aspectos: 1) contradizer a tradicional narrativa das costas voltadas, quando o tema é o das relações entre os estados da península;¹⁷ 2) combater o apagamento de Portugal dos estudos peninsulares evidenciado na expressão hispanismo peninsular;¹⁸ 3) respondendo, por último, à necessidade de se fazer uso de um arquivo cultural amplo,¹⁹ que extravase o âmbito do literário. Para tal serão abordados na relação de viajantes espanhóis com o processo revolucionário em Portugal fenómenos compreendidos pela viagem enquanto recusa cultural (e política) do franquismo num espectro que vai desde o fenómeno

¹¹ Lousada, Maria Alexandra: “Turismo político: consciência cívica e lazer (breves notas)”. In: Simões, José Manuel / Ferreira, Carlos Cardoso (eds.): *Turismo de Nicho. Motivações, produtos, territórios*. Centro de Estudos Geográficos: Lisboa 2009, pp. 325-338.

¹² Pérez Isasi, Santiago / Fernandes, Ângela: “Looking at Iberia in/from Europe”. In: Pérez Isasi, Santiago / Fernandes, Ângela (eds.): *Looking at Iberia: A Comparative European Perspective*. Peter Lang: Oxford 2013, p. 1.

¹³ Resina, Joan Ramon: *Del hispanismo a los estudios ibéricos: Una propuesta federativa para el ámbito cultural*. Biblioteca Nueva: Madrid 2009.

¹⁴ Moraña, Mabel (ed.): *Ideologies of Hispanism*. Vanderbilt University Press: Nashville 2005.

¹⁵ Resina, Joan Ramon: “Iberian Modalities: The Logic of an Intercultural Field”. In: Resina, Joan Ramon (ed.): *Iberian Modalities: A Relational Approach to the Study of Culture in the Iberian Peninsula*. Liverpool University Press: Liverpool 2013, pp. 1-19.

¹⁶ Tylor, Edward B.: *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. Vol. 1. British Library Historical Print Editions: London 2011[1871].

¹⁷ Rina Simón, César: “Contextos y transdisciplinariedad en la renovación de los estudios ibéricos” In: Rina Simón, César (ed.): *Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica*. Universidad de Extremadura: Cáceres 2017, pp. 11-15.

¹⁸ Resina 2009.

¹⁹ Pérez, Jorge: “¿De qué hablamos cuando hablamos de Estudios Ibéricos? Sobre los beneficios de un archivo cultural más amplio”. *Anales de la Literatura Española Contemporánea* 41(4), 2016, pp. 265-281.

de exílio estrito à viagem de turismo passando por um conceito mais escorregadio como será o caso do turismo motivado politicamente.

Este conceito não está totalmente consagrado enquanto categoria,²⁰ embora a abordagem de Maureen Moyanagh²¹ permita delimitá-lo a partir das suas motivações: um tipo de viajante que deseja participar ou demonstrar solidariedade com um processo político a decorrer em qualquer parte do mundo. Lousada imputa, no entanto, à definição de Moyanagh algumas ausências para que este possa de facto abarcar adequadamente este fenómeno.²² Ao restringir, por exemplo, o turismo político ao activismo militante (proveniente do mundo ocidental com meios económicos e acesso à produção escrita das suas impressões de viagem) ficará de fora, por exemplo, o turismo de sensibilidade política mais à direita, a relação deste turismo com o mercado turístico e as práticas turísticas com substrato político que não implicam necessariamente uma defesa activa e consciente do processo em causa. Ainda dentro do âmbito do turismo com motivações políticas Balslev Clausen e Velázquez propõem, a partir das experiências das “Zapatours” e de Christiana na Dinamarca, a existência de um “turismo de experiências revolucionárias”²³ que compreenderia a vontade de quem, não procurando necessariamente fazer parte da mudança social, integrar-se ou colocar a vida em risco, deseja a experiência momentânea de uma forma de utopia.

Estas categorias não recolhem necessariamente todo o espectro da viagem espanhola nomeadamente quando se concebe esta viagem como uma que permite viver durante um período limitado de tempo uma experiência socialmente valorizada, como seria a representação de uma revolução ou de um protesto, sem sofrer nenhum risco. Por outro lado, quem o faz pode não estar ideologicamente alinhado com a situação política, mas à procura de uma experiência transcendente, de um contacto simbólico com momentos decisivos do mundo. Este carácter de transcendência aproxima, segundo MacCannell,²⁴ as viagens turísticas das peregrinações. Dá-se o caso de “peregrinação” ser, precisamente, o termo utilizado por Montalbán quando pensa no significado que terá para os espanhóis a revolução em Portugal:

Va a haber mucho turismo español a Lisboa. Probablemente incluso Lisboa sustituya Perpiñán en nuestras peregrinaciones y no precisamente para ver el espléndido “streaking” de Laura Antonelli o Burt Reynolds, sino para comprar, al precio que sea, un pequeño souvenir de Libertad.²⁵

Este “souvenir de liberdade” assumirá formas distintas, que o aproximarão mais ou menos do conceito que propõem Balslev Clausen e Velázquez, na medida em que o contrastamos com possibilidade de emancipação que confere realizar actividades proibidas em Espanha, que se poderão ir aferindo a partir das atitudes enumeradas por Lousada.

²⁰ Lousada 2009.

²¹ Moyanagh, Maureen: *Political Tourism and its Texts*. University of Toronto Press: Toronto 2008.

²² Lousada 2009, p. 326

²³ Balslev Clausen, Helene / Velázquez, Mario Alberto: “Turismo de experiencias revolucionarias, Christiania, Dinamarca y San Cristóbal de las Casas, México”. *Topofilia Revista de Arquitectura, Urbanismo y Ciencias Sociales* 4(1), 2013, pp. 623-638.

²⁴ MacCannell, Dean: *The Tourist: The New Theory of the Leisure Class*. University of California Press: Berkeley 1999.

²⁵ Vázquez Montalbán, Manuel: “El precio de la Libertad”, *Tele-eXprés*, 2.5.1974, p.11.

2. A militância

A queda do Estado Novo em Portugal teve um profundo significado político em Espanha,²⁶ alimentando não apenas a luta política antifranquista, como também inaugurando um novo território de exílio, um exílio que se traduzirá de formas distintas.

Em primeiro lugar, porque Portugal passará a ser um território de exílio na acepção estrita do termo logo após o início do processo revolucionário, o que afasta esta presença do turismo político. Na madrugada de 16 para 17 de Maio, Eloy Moreno Rodriguez, militante da FRAP (Frente Revolucionario Antifascista y Patriota), atravessa o rio Guadiana a nado, pedindo posteriormente asilo político em Portugal²⁷. O segundo a chegar, pelo menos publicamente, seria Manuel Inertillas García, separatista basco, menos de um mês depois, atravessando o rio Minho.²⁸ A ambos foram dados documentos que permitiam a sua estadia, tendo o segundo arranjado trabalho quase de forma imediata.²⁹

Um segundo nível seria a organização em solo português de manifestações e/ou acções de protesto especificamente espanholas, assim como encontros de organizações clandestinas, de que seriam exemplo o comício de anarquistas espanhóis na Voz do Operário em Julho de 1974³⁰ ou o congresso das Juventudes Socialistas do PSOE, celebrado em Sintra no verão de 1975³¹. O início do ano de 1975 foi também marcado por demonstrações de solidariedade para com os prisioneiros políticos espanhóis.³² Ainda em 1974 a Sociedade Portuguesa de Autores planeou um dia de solidariedade espoletado pelas prisões, entre outros, dos escritores Alfonso Sastre e Eva Forrest, que não se chegou a realizar, tendo sido apresentadas à embaixada espanhola em Lisboa petições para a sua libertação em janeiro de 1975. A 3 de março houve uma manifestação anarquista em Lisboa que terá reunido entre 500 a 1000 pessoas que se deslocaram do Rossio ao consulado espanhol, subindo a Avenida da Liberdade, onde os aguardava um importante dispositivo policial. A manifestação caracterizou-se pelas bandeiras negras e frases de ordem como “Apoio aos trabalhadores espanhóis” ou “revolução social Espanhola e Portuguesa”³³ assim como outras mais humorísticas: “franco assado” ou “franco no espeto”,³⁴ e ficou marcada pelo apedrejamento das instalações da Alitalia, no Marquês de Pombal, que visava os escritórios da Iberia, situados na mesma praça, e das vidraças do banco Fonsecas & Burnay, deixando patente as motivações antifranquistas e anticapitalistas da mesma. No final de março, na semana que antecede o início da campanha eleitoral, voltam a manifestar-se espanhóis em Lisboa, com as

²⁶ “La revolución de los claveles cambió radicalmente nuestra forma de entender la lucha antifranquista, muchos jóvenes, entonces creíamos que la dictadura nunca caería de forma pacífica, defendíamos que habría que acabar con ella con la lucha armada. La revolución pacífica portuguesa nos demostró que el régimen podría caer y la ruptura era posible.” Entrevista com A. (Segorbe, Valencia, 1953), filha de médico republicano alvo de represálias e ela própria expulsa da Faculdade de Medicina da Universidade de Valencia pela sua actividade política, por e-mail (26.1.2017).

²⁷ “Jovem militante espanhol refugia-se em Portugal”. *A Capital*, 25.5.1974, p. 25.

²⁸ “Separatista basco refugia-se em Portugal”. *A Capital*, 4.6.1974, p. 8.

²⁹ “Refugiado basco já tem emprego”. *A Capital*, 5.6.1974.

³⁰ “Anarquistas espanhóis em comício na Voz do Operário”. *A Capital*, 20.7.1974, p. 6.

³¹ Ao qual J.P. (Valencia, 1946) acode como convidado enquanto militante da LCR (entrevista realizada por email (05.12.2017).

³² AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9049 e 42/8952.

³³ AGA, MIT, “Presidencia”, caixa: 51/9511.

³⁴ O trocadilho entre frango e Franco não é evidenciado pela imprensa espanhola, mas surge na portuguesa.

caras tapadas com lenços dando voltas à Praça do Rossio gritando *slogans* como “frente popular”, “democracia popular” e “solidariedade com o regime português”.³⁵

Outro nível, ainda no âmbito da militância, que se enquadra na categoria de exílio será a participação em mobilizações portuguesas. Ao 1º de Maio de 1974 virá muita gente, desde



Figura 1

portuguesas. A presença espanhola em manifestações portuguesas será, aliás, devidamente notada ao longo deste biénio revolucionário, quer pelos organizadores, como é o caso de uma concentração organizada pelo Partido Comunista Português, já em 1975, onde será difundida uma mensagem de solidariedade para com a Junta Democrática, quer pelos seus observadores, como é o caso da imprensa, tanto a espanhola como a portuguesa.

Por último, ainda dentro do âmbito da militância, encontra-se a participação em mobilizações de cariz internacionalista. O verão de 1975 foi um dos momentos de grande influxo, não só de espanhóis, mas de militantes estrangeiros em geral. A segunda semana de agosto foi de mobilização internacional de solidariedade com os trabalhadores portugueses e havia em Lisboa “gente de toda a Europa”³⁸ em concreto gente ligada a “sete organizações de esquerda europeia”³⁹: “Lotta Continua e Coordinamento Nazionale Comitati Operari e di Quartieri, ambas italianas, Der Sozialismus Inderbro Wird Siegen, da República Federal Alemanha, International Socialist, inglesa, Kommunistisk Forbund, dinamarquesa, Pour le Communisme, francesa, e Parole au Peuple, bélga”,⁴⁰ mas também militantes de Acción Comunista que, em Portugal, estavam muito relacionados com o PRP-BR (Partido Revolucionário do Proletariado- Brigadas Revolucionárias).⁴¹ Esta semana, que foi coordenada pelo PRP-BR, incluía, à semelhança de um roteiro turístico convencional, um programa de visitas a uma unidade militar, o Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS), aos estaleiros navais de Setúbal (SETNAVE), à rádio Renascença e ao jornal *República*, ao edifício ocupado como sede pelo PRP-BR na Rua Castilho, uma confraternização internacionalista proletária no pavilhão dos desportos⁴² e uma “manifestação anti-imperialista” apoiada pela LCI (Liga Comunista Internacionalista), o PRP-BR e a UDP

³⁵ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

³⁶ “Socialistas espanhóis no 1º de maio em Lisboa”. *Diário de Lisboa*, 3.5.1974, p. 8.

³⁷ Carrillo-Linares, Alberto: “Entre el universo simbólico y el mundo real: contactos y recepciones clandestinas de la extrema izquierda hispano-lusa en torno al 25 de abril”. In: Lemus, Encarnación et al. (eds.): *El fin de las dictaduras ibéricas (1974-1978)*. Centro de Estudios Andaluces, Edições Pluma: Sevilla, Lisboa 2010, pp.161-183.

³⁸ Entrevista com A.D. (Romford, 1952) realizada em Barcelona (31/01/1975). Inglês, militante à época de Internacional Socialists, viveu em Madrid entre 1977 e 1979. Em 1982 muda-se definitivamente para Barcelona e passa a ter um percurso militante também em Espanha em organizações como AC, OIC, MC, En Lluita.

³⁹ “Ser ou não ser pela revolução portuguesa”. *Diário de Lisboa*, 9.8.1975, p. 20.

⁴⁰ “Ser ou não ser pela revolução portuguesa”. *Diário de Lisboa*, 9.8.1975, p. 20.

⁴¹ Entrevista com A.D.

⁴² “Lotta Continua no Pavilhão: Poder a quem trabalha, já!”. *Diário de Lisboa*, 14.8.1975, pp. 10-11.

(União Democrática Popular). Esta manifestação não só esteve encabeçada por espanhóis “(que habían venido a propósito) y todos llevaban la cara tapada”⁴³, como nela se exigia a libertação dos presos bascos José Antonio Garmendia e Ángel Otaegi Etxeberria, cujo conselho de guerra teria lugar no dia seguinte, A. recorda, além disso, vários momentos de cumplicidade entre os militantes anti-franquistas presentes e os militares portugueses.⁴⁴ Durante esta semana foi agendada uma outra, entre 22 e 29 de setembro, de mobilização internacional de solidariedade para com o “Portugal vermelho” em várias cidades europeias, culminando esta em manifestações massivas no sábado dia 27,⁴⁵ que veio a coincidir com o dia da execução de cinco prisioneiros políticos pelo regime franquista e uma grande acção de protesto em Lisboa que culminou com o assalto e incêndio das instalações diplomáticas espanholas.

A presença espanhola nas mobilizações caracteriza-se, por um lado, pela cautela. As referências às caras tapadas são frequentes em vários tipos de fonte, e estão marcadas pela questão do risco, já que os manifestantes muitas vezes nem sequer tinham documentos legais.⁴⁶ Por outro lado, esta presença caracterizar-se-á, durante o verão de 1975, por uma cumplicidade estabelecida com os militares portugueses. Militantes de outras nacionalidades reconhecem, aliás, a diferença entre a sua presença nestas mobilizações, reconhecendo-se enquanto praticantes de turismo político, e a presença espanhola, de diferente cariz, embora admitam também a existência de turismo político espanhol, remetendo para o tipo de viagem realizada por estudantes progressistas.⁴⁷

Vale a pena acrescentar que ao contrário da situação anterior, em que a presença de estrangeiros em Portugal era monitorizada pela polícia política, no Portugal em processo revolucionário, uma vez desactivado tal corpo policial, será possível, até ao encerrar da crise de estado que significou o 25 de novembro,⁴⁸ a permanência de estrangeiros em situação irregular. A monitorização da sua presença passará, com a dissolução da DGS em abril de 1974, pela Polícia judiciária, pela Polícia de Segurança Pública no mês seguinte, até chegar ao Serviço de Estrangeiros, criado em Novembro de 1974, mas de acordo com Victor Pereira⁴⁹ as tentativas de fazer cumprir a lei relativamente aos estrangeiros em Portugal remontam ao final do verão de 1975, mencionado este historiador um despacho do ministro da Administração Interna, de 28 de Outubro, no qual são estabelecidas condições para melhorar a eficácia deste controlo, já que a actividade dos estrangeiros, sobretudo a de cariz político, é considerada preocupante.

A presença de espanhóis em Portugal não passa, no entanto, despercebida ao regime franquista e a vigilância será feita em Espanha através de fotografias ou filmagens. De acordo com Philippe, os meios de comunicação serão utilizados para identificar a dissensão:

⁴³ Entrevista com A.D.

⁴⁴ Entrevista com A.D.

⁴⁵ “Lotta Continua no Pavilhão: Poder a quem trabalha, já!”. *Diário de Lisboa*, 14.8.1975, pp. 10-11.

⁴⁶ “[...] porque yo estuve allí con documentación ilegal y no me podía mover mucho. También visité el local que había ocupado la organización trotskista hermana (la LCI) y pudieron contarme brevemente las enormes expectativas que todavía entonces tenían sobre el avance del proceso”. Entrevista com J.P.

⁴⁷ Entrevista com A.D.

⁴⁸ Palacios, Diego: *O Poder caiu na Rua. A crise de Estado e acções colectivas na Revolução portuguesa 1974-1975*. Instituto de Ciências Sociais: Lisboa 2003.

⁴⁹ Pereira, Victor: “Será que verei Lisboa?” Peregrinações de franceses no Processo Revolucionário em Curso”. *Relações Internacionais* 25, 2010, pp. 91-105.

Entre los primeros turistas políticos, figuraban muchos españoles que la Dirección General de Seguridad intentaba identificar analizando, plano a plano, las imágenes filmadas por el equipo de TVE y escrutando las fotografías tomadas por los periodistas de la prensa escrita y de la radio."⁵⁰

Aliás, os próprios jornalistas em missão em Portugal são controlados, como terá sido o caso de Diego Carcedo, jornalista da TVE enviado para cobrir a tomada de posse de António de Spínola como presidente da República e do novo governo. A reportagem “Portugal, un mes después”, programada para a 21ª edição de *Los Reporteros*, não foi nem terminada, nem emitida. Segundo Phillipe:

[...] unos informadores habían sacado una fotografía del equipo de Diego Carcedo en el mitin del MRPP, durante el cual el líder trotskista Ernest Mandel intervino en español, y la habían mandado a Juan José Rosón, que la había enviado a Pío Cabanillas. El ministro decidió remitirla a Juan Luis Cebrián. En la fotografía aparecía el reportero con su equipo bajo las banderas comunistas, debajo habían escrito: “Esto es lo que hacen los redactores de Televisión Española”. El director de los servicios informativos convocó al periodista, y el reportaje no se emitió.⁵¹

A entrada tardia desta reportagem, e de uma outra de Manolo Alcalá, no arquivo, permite à autora supor que terão sido retidas por alguma autoridade.

Apesar disto, os momentos de maior intensidade da presença espanhola em mobilizações políticas serão coincidentes com períodos de férias: as férias da semana santa de 1975, que coincidiram com o 11 de março e o início da campanha eleitoral, e o verão quente que se lhe segue, quando a presença de militantes estrangeiros em Portugal foi, no geral, intensa.⁵² Esta coincidência introduz a questão do turismo, mesmo se baseado na motivação de militância, por indiciar que o período em Portugal corresponde a uma suspensão do ritmo normal da vida, como poderá ser um período de férias.

3. A viagem enquanto recusa cultural do Franquismo

“España era como vivir a parte, en cuanto llegabas a París el mundo existía, o a Ceret tal vez, a ver cine prohibido”.⁵³ Se a militância enquanto motivação é relativamente fácil de identificar, a peregrinação e a curiosidade são atitudes mais difíceis de delimitar. Até porque se no turismo está contida uma dimensão de transcendência, na medida em que “tourist attractions are precisely analogous to the religious symbolism of primitive peoples”,⁵⁴ que o aproxima da peregrinação, também na organização de um circuito de visitas para que o militante internacionalista contacte com as lutas em curso em Portugal, parte do programa político da semana de mobilização internacional que foi referida anteriormente, está igualmente contida uma dimensão turística. Por outro lado, se por exílio se entender a possibilidade de emancipação que confere realizar fora do país actividades proibidas em

⁵⁰ Philippe, 2017, p.409

⁵¹ Philippe, 2017, p.410

⁵² De acordo com Giulia Strippoli só a organização italiana *Lotta Continua* organizou pelo menos duas viagens a Portugal nesse verão, cf.: Strippoli, Giulia: “A Revolução na imprensa e na vida dos militantes de Lotta Continua”. In: Luís, Rita / Soutelo, Luciana / Silva, Carla Luciana (eds.): *A revolução de 1974-75: repercussão na imprensa internacional e memória(s)*. Instituto de História Contemporânea: Lisboa 2014, p. 83.

⁵³ Entrevista com S. (Buenos Aires, 1951), que vivia entre Madrid e Barcelona, trabalhando desde o início dos anos 70 como publicitária, realizada em Barcelona (30.1.2017).

⁵⁴ MacCannell, 1999, p.2.

Espanha, ainda que enquanto parte de um movimento transnacional, a experiência dos viajantes espanhóis será conceptualmente distinta da de viajantes franceses, ingleses, alemães, etc., por constituir um gesto político que irá além da mobilização política estrita.

A presença espanhola em Portugal é notada pelos jornais portugueses. Segundo estes, trata-se de gente proveniente “sobretudo do meio estudantil e intelectual, mas também do ‘turista neutro’”.⁵⁵ No *Diário Popular* são publicados vários *cartoons* que aludem, entre outras, a uma motivação cinéfila para esta presença: a possibilidade de ver *O último tango em Paris*.⁵⁶

A atração de Lisboa é sucintamente resumida nos jornais espanhóis pelo correspondente de *La Vanguardia Española* e de *Ya*: “Y es que Lisboa, con sus precios, su ‘último tango’ en las carteleras y su sol de invierno, tímidamente sugerido, es todo un espectáculo...”.⁵⁷ A liberdade que a queda do regime inaugurou e a diferença do valor da moeda torna Portugal particularmente apetecível para o consumidor espanhol: “Alfama, allà podies menjar per on volies, tot era molt *barato*, baratíssim, per nosaltres [feia molta diferència?] sí, hi havia una certa diferència econòmica, sí, sí, el preu de la pensió era baratíssim, venint de Barcelona hi havia una certa diferència”⁵⁸. Entre abril de 1974 e abril de 1976 o valor da peseta face ao escudo manter-se-á francamente favorável ao bolso espanhol,⁵⁹ o que permite que a viagem a Portugal seja exequível para um sector amplo da população espanhola, uma população que em 1974 tinha um nível de motorização de 8 habitantes por veículo automóvel,⁶⁰ um valor ainda assim mais baixo do que aquele que tinham a República Federal Alemã (RFA), a França ou o Reino Unido 10 anos antes.⁶¹



Figura 2

Assim, além de motivações de mobilização política estrita, Portugal será procurado também com intuito de consumo cultural – excursões cinematográficas, sobretudo –, o que nos permite argumentar que a viagem será uma experiência transversal, comum a uma cultura política cujo ponto de união seria a recusa cultural do Franquismo. Uma prática, e também um gesto político, anteriormente exercidos de forma habitual e preferencial em França, mas que se estenderá nesses momentos ao outro país fronteiriço.

A viagem como recusa cultural do franquismo tem uma história anterior ao processo revolucionário em Portugal. Por um lado, extractos da população espanhola com recursos para tal viajam de avião a Londres e Paris em busca daquilo que não encontravam disponível em Madrid ou Barcelona: um consumo cultural que incluía a compra de livros e o visionamento de filmes proibidos, nomeadamente os eróticos e/ou pornográficos.

⁵⁵ “Turistas (de várias latitudes) interessam-se por Portugal”. *Diário Popular*, 27.11.1974, p. 16.

⁵⁶ “O último tango”. *Diário Popular*, 12.11.1974, p. 1.

⁵⁷ AGA, MIT, “Presidencia”, caixa: 51/9511.

⁵⁸ Entrevista com J.G. (Figueres, 1950) realizada em Barcelona (26.1.2017). Na altura jornalista, que se dedicava à informação local e comarcal, no vespertino barcelonês *Tele/eXprés* e membro da organização clandestina *Grup Democràtic de Periodistes* (1966-1976).

⁵⁹ 100 pesetas valiam cerca de 237 escudos em 1974, 229 em 1975 e 227 em 1976.

⁶⁰ Datos de la Dirección General de Tráfico; anuario general 1997.

⁶¹ Reino Unido e RFA: 6 habitantes por veículo automóvel; França: 5,5 habitantes por veículo automóvel (dados apresentados por: García Ruiz, José Luís: “La evolución de la industria automovilística española, 1946-1999: una perspectiva comparada”. *Revista de Historia Industrial* 19-20, 2001, pp. 133-164.

Todos los hijos bien de burgueses, bien que teníamos dinero por vía trabajo personal, mi caso es ese no soy hijo de burgueses sino de arruinados, salíamos de aquí continuamente, traíamos revistas, yo traía revistas de cine francés [...]

- pero ¿adónde ibas?

- a París, sí a París, con mi padre iba a ver cine más o menos erótico al sur de Francia, pero iba mucho a París o a Londres y me lo traía todo lo que podía.⁶²

Do relato deste tipo de experiências é possível identificar espaços em Paris, como a *Librairie Masperot* – “que al fons tenia la secció de còmics i en aquella secció de còmics trobaves tots els intel·lectuals de Barcelona”⁶³-, ou a *Librairie Espagnol*; mas também as cidades de fronteira onde se chegava de carro para ver filmes, comprar livros, álcool ou material audiovisual. No caso particular da Catalunha estas cidades eram Ceret, onde Fernando Arrabal, cuja obra esteve proibida em Espanha desde o final dos anos 60,⁶⁴ apresentou vários dos seus filmes,⁶⁵ Perpilhã, onde havia um circuito de livrarias dedicado precisamente ao público espanhol ou Andorra, onde o crítico de cinema do vespertino *Tele/eXprés*,⁶⁶ Juan Francisco Torres, chegou a ter um negócio dedicado ao cinema.

Se a história do turismo se relaciona com a disponibilidade material para o lazer que se vai estendendo da aristocracia à burguesia e, com sua massificação, às classes trabalhadoras, recuperar a crítica que Lousada faz ao sujeito do turismo político na definição de Moyanagh, ou seja, um sujeito proveniente do mundo ocidental, com meios económicos e acesso à produção escrita das suas impressões de viagem, permite constatar que os informantes cuja memória foi recolhida na elaboração deste artigo tinham uma condição socioeconómica a par de uma sensibilidade política que nos permitiria enquadrá-los neste tipo de turismo. Todos haviam viajado para o exterior previamente, não sendo a viagem a Portugal a primeira vez que saíam de Espanha, tinham acesso fácil a um veículo automóvel e/ou a possibilidade de viajar de avião, tempo disponível e formação média ou superior, não divergindo, em grande medida, do sujeito descrito por Lousada.

Ir a França ver *O último Tango em Paris* (1972) será o mote do filme de Vicente Escrivá *Lo Verde empieza en los Pirineos* (1973), estreado no Gran Vía, em Madrid, a 14 de setembro de 1973. O protagonista, Serafín, é levado pelos amigos a Biarritz com o intuito de consumir os filmes proibidos em Espanha, em particular o filme de Bernardo Bertolucci, de forma a poder ultrapassar um trauma resultante da sua educação religiosa que o faz ver com barba qualquer mulher por quem sinta atracção sexual. Chegados “às portas da Europa”, os três amigos encontram carros espanhóis por todas as partes. A estadia em Biarritz começa com um périplo pelas salas de cinema onde encontram, uma vez mais, vários espanhóis, passando, posteriormente, para as sex-shop e para os cabarets. Na fila para *La grande bouffe* (1973) de Marco Ferreri, encontram um espanhol, “progre”, que no diálogo que estabelece com os três amigos sublinha a distância entre os dois tipos de viagem: “Yo vengo a ver arte”.

⁶² Entrevista com S.

⁶³ Entrevista com J.M.S. (Barcelona, 1945-2017) realizada em Barcelona (26.1.2017). Jornalista que fará parte da equipa inicial do jornal diário *Avui*, cobrindo para este jornal as eleições de abril de 1976 em Portugal.

⁶⁴ Muñoz, Berta: *El teatro crítico español durante el franquismo, visto por sus censores*. Fundación Universitaria Española: Madrid 2005.

⁶⁵ “Y cuenta que vio la última de sus películas en Ceret, un pueblecito francés (2.000 habitantes) justo en la frontera con Cataluña, entre 1.500 españoles, que se habían desplazado para asistir a la proyección” (Pérez, Moisés: “Arrabal, a la puerta”. *Blanco y Negro*, 25.12.1976, p. 51).

⁶⁶ Entrevista com J.G.

Sucedem-se os títulos em cartaz nos cinemas de fronteira: *La masseuse perverse* (Clinic Xclusive, 1971) de Don Chaffey, *Inga* (Jag-en oskuld, 1968) de Joseph W. Sarno, *Laranja Mecânica*, (Clockwork Orange, 1971) de Stanley Kubrick, entre vários outros. Ao longo do filme a presença espanhola é enfatizada com frequência pela sua desadequação ao contexto: os três amigos passeiam-se na praia de fato completo por entre uma multidão de pessoas, mulheres sobretudo, em traje de praia; evidenciam-se pelo nervosismo patente à porta duma sex-shop; perguntam na bilheteira se *O último tango em Paris* está cortado, ao que a empregada responde sucintamente sem responder: “ici c’est la France!”.

O cinema constitui durante o tardo-franquismo uma das formas de relacionamento com o mundo que é exterior ao franquismo, quer através da viagem necessária ao seu consumo, quer em si mesmo, num processo de transferência cultural, citando Kornetis⁶⁷, em que os meios de comunicação são coadjuvantes.



Figura 3

ironizará acerca da necessidade de continuar a

uma entrada na CEE, agora

Tanto o cartaz promocional do filme de Escrivá - “Ellos no quisieron que les contara nadie lo de ‘el último tango’ y en Biarritz se lo contaron de ‘persona a persona [...]’”⁶⁸ -, como a presença mediática da atriz Maria Schneider em Espanha são, nesse sentido, reveladores. Durante 1975 Schneider aparece frequentemente nas páginas dos jornais por motivos relacionados com a sua carreira, mas, principalmente, pela sua vida privada, sendo sempre nomeada a “protagonista de *O Último Tango em Paris*”, ainda que este filme estreie em Espanha apenas em janeiro de 1978⁶⁹.

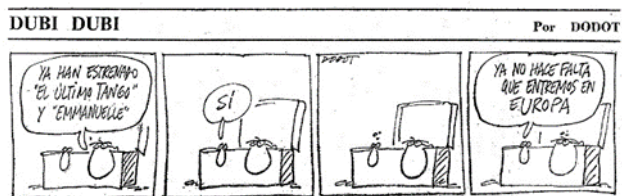


Figura 4

À data da estreia
Diário
16⁷⁰

negociar

que o

filme de Bertolucci e *Emmanuelle* (1974), de Just Jaeckin, se podem ver em Espanha, deixando manifesta a ideia do que em grande medida representava a Europa no imaginário colectivo espanhol. Se Schneider é considerada “news-worthy”⁷¹ nos jornais espanhóis, apesar do filme com que a apodam estar proibido em Espanha, como de resto esteve em vários outros países, deve-se não só ao fluxo de informação dominante que faz com que estes sejam elaborados a partir das notícias que as grandes agências propagam (AP, UPI, AFP, Reuters), mas também a este hábito, relativamente consentido pelo regime franquista, da realização de turismo cinematográfico que permite estar a par do quotidiano dos próprios

⁶⁷ Kornetis, Kostis: “Everything links? Temporality, Territoriality and Cultural Transfer in the long 1960s”. *Historein* 9, 2009, pp. 34-45.

⁶⁸ *ABC*, 14.11.1973, p.117.

⁶⁹ Estreia primeiro em Madrid no final de 1977. *Profissão: repórter* (1975) de Michelangelo Antonioni, filmada parcialmente em Barcelona, estreará também depois da morte do General Franco, em maio de 1976.

⁷⁰ *Diario 16*, 7.01.1978, p.4.

⁷¹ Tuchman, Gaye: *Making News: A Study in the Construction of Reality*. The Free Press: New York, 1978



jornais, onde também será visível uma pressão constante para a revisão das regras da censura⁷².

Este turismo fazia-se sobretudo em França, mas depois da queda do Estado Novo far-se-á também em Portugal, tornando-se as filas de espanhóis para ver *O Último Tango em Paris* igualmente notícia⁷³. Maria Schneider e *O Último Tango em Paris* faziam parte das rotinas informativas do jornal espanhol, e do quotidiano dos seus leitores, à semelhança do que acontecia noutros países, criando um desejo de ver filmes e de actuar como se este não estivesse proibido, ou seja, a ideia da viagem para ver o filme de Bertolucci estava criada e era propagada na própria imprensa espanhola ainda antes da revolução em Portugal ter acontecido.

Mas além de nas filas dos filmes que simbolizam no imaginário colectivo a entrada na Europa, outro dos destinos dos espanhóis em Lisboa era o Cinema Universal, na Rua da Beneficência no bairro do Rêgo. Entre 1974 e 1977 o Universal albergará os filmes da *Animatógrafo*, a distribuidora de António Cunha Telles, que se haviam iniciado em salas como o cinema estúdio do Apolo 70, dirigido por Lauro António, o estúdio do Império e o Satélite. Cunha Telles relembra, por diversas vezes, os espanhóis que por lá se encontravam a assistir a filmes.⁷⁴ Lembra-se em específico de um dia ver um carro chegar, cheio de espanhóis, meter conversa e perceber que estes vinham a Lisboa, de Madrid, todos os fins-de-semana: “Paravam o carro directamente à porta do Universal”.⁷⁵ Por outro lado, um casal de espanhóis que vivia em Lisboa requisitava-lhe filmes para umas sessões que organizavam em zonas mais próximas da fronteira, para que não fosse necessário vir até Lisboa.⁷⁶

4. Turismo espanhol em disputa

A dimensão política da viagem enquanto gesto revela-se no uso que em ambos países se faz dela. Em termos concretos, e segundo as estatísticas da Direcção-Geral de Turismo,⁷⁷ os números do turismo em 1975 descem, relativamente ao ano anterior, na ordem dos 30%, tendo o turismo espanhol descido 34 % e sendo superado na queda apenas pelo turismo norte-americano (51%).

Da parte portuguesa há um interesse em continuar a captar turismo espanhol e o investimento da Agência de Turismo Portuguesa em Espanha passará por uma alteração do público-alvo das suas campanhas. “Portugal tão novo e tão diferente” (1974) e “Portugal tão novo e tão perto” (1975) tentam captar um turismo que seja motivado pela



Figura 5

⁷² Garcia-Meras, Emilio: “al final...Las veremos”. *Arriba*, 24.05.1975.

⁷³ *Arriba*, 24.4.1975.

⁷⁴ Bernárd, João Pedro / Mozos, Manuel: “Entrevista a António Cunha Telles”. In: Mozos, Manuel (ed.): *António Cunha Telles continuar a viver*. Cinemateca Portuguesa, Museu do Cinema: Lisboa 2014, p. 52.

⁷⁵ Cunha Teles, António: “Como era produzir em Portugal nas décadas de 1960-1980?”. In: *I Encontro de História Oral do Cinema Português*, 16.4.2018.

⁷⁶ Entrevista com António Cunha Telles realizada em Lisboa (26.6.2018).

⁷⁷ “Mais turistas vindos do Leste”. *Diário de Lisboa*, 16.8.1975, p. 20.

nova situação política em Portugal. Estas campanhas serão glosadas em Espanha pelo cartoonista Sir Camara – “España tan nueva y tan en su sitio” – ⁷⁸ evidenciando, apesar da insistência na questão da abertura política, a diferença da situação política em que vivem ambos países.

Haverá, de parte a parte, vontade de dominar o discurso sobre o turismo espanhol em Portugal: insegurança da parte espanhola, normalidade e interesse crescente da parte portuguesa. Os jornais portugueses dão conta com frequência dos espanhóis que visitam Portugal: no final de 1974 noticia-se “excepcional movimento” na fronteira de Valença num fim-de-semana de ponte⁷⁹; uma fila de 2 km em na fronteira de Tui e a lotação esgotada dos hotéis do Minho são anunciados num comunicado do MCS,⁸⁰ aludindo ao sucesso que estaria a ter a campanha “férias portuguesas”,⁸¹ divulgada internamente e nalgumas cidades



Figura 6



Figura 7

espanholas (que teria triplicado o trabalho de atendimento da delegação do Turismo de Portugal em Madrid dado o número de pedidos de informação). Esta campanha de normalidade feita pelo MCS surge depois de a federação francesa do Partido Socialista ter denunciado no verão de 1974⁸² uma hipotética campanha de dissuasão da viagem turística a Portugal, ajudada por um surto de cólera, que, de facto, ajudou a afastar quem se encontrava de viagem⁸³ e foi usado, pelo menos em Espanha, de forma a gerar alguma confusão semântica,⁸⁴ e por notícias de agitação social que, de acordo com esta federação, estariam a ser difundidas por vários países europeus. Acrescentam que “os próprios postos fronteiriços espanhóis dissuadem veementemente os turistas de continuarem a sua viagem a Portugal.”⁸⁵ Em *A Capital* noticiam-se as dificuldades que cidadãos portugueses vão tendo com as autoridades espanholas⁸⁶ quando de passagem por aquele país. Em novembro o *Diário Popular* noticia um aumento do fluxo de turismo apesar dos boatos de insegurança,⁸⁷ que parecem ser a razão que fundamenta o comunicado do MCS, que além disso recorre às palavras de um correspondente espanhol em Lisboa para credibilizar a informação: “Nunca se había [sic] visto tantos compatriotas callejeando por la capital portuguesa.”⁸⁸ O Conselheiro

⁷⁸ Arriba, 23.7.1975, p. 23.

⁷⁹ “Uma ‘invasão’ de espanhóis apesar dos boatos que circulam lá fora...”. *Diário Popular*, 4.11.1974, p. 14,

⁸⁰ “Os preços (baixos) e o ‘último tango’ atraem os espanhóis a Lisboa”. *Diário Popular*, 12.11.1974, p. 10.

⁸¹ *Diário Popular*, 26.11.1974, p. 17.

⁸² “Socialistas denunciam campanha anti-portugal”. *A Capital*, 29.6.1974, p. 11.

⁸³ “[...] no era cólera, però no és que estigués tranquil·la i llavors vam decidir tornar.”, Entrevista com J.G.

⁸⁴ Sánchez Cervelló, Josep: *A Revolução Portuguesa e a sua evolução na transição espanhola (1961-1974)*. Assírio & Alvim: Lisboa 1993, p. 361.

⁸⁵ “Campanha contra a vinda de Turistas a Portugal desmascarada em França pela federação do PS.” *Portugal Socialista* 7, 13.7.1974, p. 4.

⁸⁶ “Polícia espanhola retarda partida de emigrantes para Portugal”. *A Capital*, 7.5.1974, p. 8; “Português detido pela DGS espanhola”. *A Capital*, 24.7.1974, p. 9.

⁸⁷ “Uma invasão’ de espanhóis apesar dos boatos que circulam lá fora...”. *Diário Popular*, 4.11.1974, p. 14.

⁸⁸ AGA, MIT, “Presidência”, caixa: 51/9511.

de Informação da Embaixada de Espanha em Lisboa⁸⁹ interpreta o comunicado como estando motivado por uma hipotética crise no sector turístico,⁹⁰ o que se verificou certo.

No início de 1975, e sobretudo após o 11 de março, apesar de notícias a informarem que a fronteira com Portugal se encontra aberta para o turismo familiar, será difundido por meios de comunicação espanhóis (*Cifra, Pueblo, Europa Press, Hoja del lunes*) um grau de antagonismo relativamente ao turismo tradicional sob a forma de relatos de insegurança: autocarros espanhóis destruídos em Lisboa,⁹¹ comboios com graffiti antifranquistas a chegarem à Galiza,⁹² agências de rent-a-car a não alugarem carros para ir a Portugal, depois de a polícia anunciar que carros com matrícula espanhola não são aí bem acolhidos⁹³ e agências turísticas na Galiza a cancelarem pacotes turísticos a partir de 27 de março,⁹⁴ na sequência dos relatos de violência ocorridos no Porto no fim-de-semana anterior. Em suma, a determinada altura a nível mediático criou-se a ideia de que os espanhóis não eram bem-vindos em Portugal⁹⁵ e que as agências turísticas espanholas não estavam dispostas a correr riscos,⁹⁶ tendo efectivamente diminuído o turismo espanhol em 1975.

Conclusão

Apesar do veredicto mediático, Portugal não substituiu a França como destino do viajante espanhol. A experiência foi talvez curta demais para poder deixar marca no imaginário colectivo, mas permitiu uma antevisão de práticas de cariz político como as manifestações, os congressos partidários ou as assembleias, mas também culturais como o consumo cinematográfico.

O número de turistas espanhóis a optar por disfrutar das suas férias neste país sofreu, aliás, uma importante diminuição. A presença de espanhóis foi, no entanto, visibilizada em Portugal: a mobilização política em Portugal é mais visível em momentos que coincidem com períodos de férias; no entanto, Portugal antecipa Espanha, politizando gestos que noutras circunstâncias seriam considerados ócio. Como tal, a dimensão política do turismo, importante até pela introdução de capital estrangeiro na economia, foi captada em ambos os Estados e a narrativa sobre a presença espanhola em Portugal será, nalguns momentos, divergente: os jornais portugueses exploram a vontade espanhola em vir conhecer o novo Portugal, os jornais espanhóis dão conta de uma animosidade crescente relativa ao turismo espanhol clássico, aquele que Montalbán referirá como “evasivo”.

A noção da mudança de motivação do turismo espanhol em Portugal está bastante patente num dos períodos em que a mobilização política de espanhóis em Portugal foi mais evidente: por ocasião das férias da páscoa de 1975. Nesta época do ano, caracterizada anteriormente pela presença de turismo evasivo “familiar”, a substituição deste por estudantes progressistas” será notada. Será um turismo caracterizado pelo consumo cultural que a queda de um regime passa a proporcionar, aliado a um poder económico permitido por uma

⁸⁹ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/8952.

⁹¹ AGA, MIT, “Presidencia”, caixa: 51/9511.

⁹² AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

⁹³ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

⁹⁴ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

⁹⁵ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

⁹⁶ AGA, MIT, “Cultura”, caixa: 42/9117.

diferença cambial favorável, e o acesso fácil a um território libertado onde a mobilização política é possível, tornando muitas vezes indistintas as várias motivações e onde começa e acaba o gesto político. A revolução a que se pode ir de carro, como a descreve Montalbán, confere-lhe um carácter de normalidade e de proximidade não só geográfica como vivencial, tornando a revolução uma realidade tangível, tão tangível que a ela se pode aceder como quem vai de férias e será esta ambiguidade uma das características da mesma.

Bibliografia

Arquivos

Archivo General de la Administración (AGA), Ministerio de Información y Turismo (MIT),
“Cultura”, caixa: 42/8952.

Archivo General de la Administración (AGA), Ministerio de Información y Turismo (MIT),
“Cultura”, caixa: 42/9049.

Archivo General de la Administración (AGA), Ministerio de Información y Turismo (MIT),
“Cultura”, caixa: 42/9117.

Archivo General de la Administración (AGA), Ministerio de Información y Turismo (MIT),
“Presidencia”, caixa: 51/9511.

Entrevistas

A. (Segorbe, Valencia, 1953), 26.1.2017.

António Cunha Telles (Funchal, Madeira, 1935), 26.6.2018.

A.D. (Romford, 1952), 31.1.1975.

J.G. (Figueres, 1950), 26.1.2017.

J.M.S. (Barcelona, 1945-2017), 26.1.2017.

J.P. (Valencia, 1946), 05.12.2017.

S. (Buenos Aires, 1951), 30.1.2017.

Jornais

ABC

A Capital

Arriba

Blanco y Negro

Diario 16

Diário de Lisboa

Diário de Notícias

Diário Popular

El País

Portugal Socialista

Tele-eXprés

Bibliografia secundária

- Balslev Clausen, Helene / Velázquez, Mario Alberto: “Turismo de experiencias revolucionarias, Christiania, Dinamarca y San Cristóbal de las Casas, México”. *Topofilia Revista de Arquitectura, Urbanismo y Ciencias Sociales* 4(1), 2013, pp. 623-638.
- Bernárd, João Pedro / Mozos, Manuel: “Entrevista a António Cunha Telles”. In: Mozos, Manuel (ed.): *António Cunha Telles continuar a viver*. Cinemateca Portuguesa, Museu do Cinema: Lisboa 2014, pp. 35- 66.
- Carrillo-Linares, Alberto: “Entre el universo simbólico y el mundo real: contactos y recepciones clandestinas de la extrema izquierda hispano-lusa en torno al 25 de abril”. In: Lemus, Encarnación et al. (eds.): *El fin de las dictaduras ibéricas (1974-1978)*. Centro de Estudios Andaluces, Edições Pluma: Sevilla, Lisboa 2010, pp.161-183.
- Chuliá, Elisa: *El poder y la palabra. Prensa y poder político en las dictaduras: el régimen de Franco ante la prensa y el periodismo*. Biblioteca Nueva: Madrid 2001.
- Cunha Teles, António: “Como era produzir em Portugal nas décadas de 1960-1980?”. In: *I Encontro de História Oral do Cinema Português*, 16.4.2018.
- García Ruiz, José Luís: “La evolución de la industria automovilística española, 1946-1999: una perspectiva comparada”. *Revista de Historia Industrial* 19-20, 2001, pp. 133-164.
- Kornetis, Kostis: “Everything Links? Temporality, Territoriality and Cultural Transfer in the Long 1960s”. *Historein* 9, 2009, pp. 34-45.
- Lousada, Maria Alexandra: “Turismo político: consciência cívica e lazer (breves notas)”. In: Simões, José Manuel / Ferreira, Carlos Cardoso (eds.): *Turismo de Nicho. Motivações, produtos, territórios*. Centro de Estudos Geográficos: Lisboa 2009, pp. 325-338.
- Luís, Rita: *Spain and the Portuguese Revolution of 1974-1975: The Limits of a Surveilled Press*. PhD Thesis. Universitat Pompeu Fabra: Barcelona 2015.
- MacCannell, Dean: *The Tourist: The New Theory of the Leisure Class*. University of California Press: Berkeley 1999.
- Moraña, Mabel (ed.): *Ideologies of Hispanism*. Vanderbilt University Press: Nashville 2005.
- Moynagh, Maureen: *Political Tourism and its Texts*. University of Toronto Press: Toronto 2008.
- Muñoz, Berta: *El teatro crítico español durante el franquismo, visto por sus censores*. Fundación Universitaria Española: Madrid 2005.
- Palacios, Diego: *O Poder caiu na Rua. A crise de Estado e acções colectivas na Revolução portuguesa 1974-1975*. Instituto de Ciências Sociais: Lisboa 2003.
- Pereira, Victor: ““Será que verei Lisboa?” Peregrinações de franceses no Processo Revolucionário em Curso”. *Relações Internacionais* 25, 2010, pp. 91-105.
- Pérez, Jorge: “¿De qué hablamos cuando hablamos de Estudios Ibéricos? Sobre los beneficios de un archivo cultural más amplio”. *Anales de la Literatura Española Contemporánea* 41(4), 2016, pp. 265-281.
- Pérez Isasi, Santiago / Fernandes, Ângela: “Looking at Iberia in/from Europe”. In: Pérez Isasi, Santiago / Fernandes, Ângela (eds.): *Looking at Iberia: A Comparative European Perspective*. Peter Lang: Oxford 2013, pp.1-8.
- Philippe, Virgine: “La revolución de los claveles vista a través de televisión española (abril de 1974-abril de 1976)”. In: Rina Simón, César (ed.): *Procesos de nacionalización e*

- identidades en la península ibérica*. Universidad de Extremadura: Cáceres 2017, pp. 403-425.
- Reig, José: *Identificación y alienación. La cultura política y el tardofranquismo*. Publicacions de la Universitat de València: Valencia 2007.
- Resina, Joan Ramon: *Del hispanismo a los estudios ibéricos: Una propuesta federativa para el ámbito cultural*. Biblioteca Nueva: Madrid 2009.
- Resina, Joan Ramon: "Iberian Modalities: The Logic of an Intercultural Field". In: Resina, Joan Ramon (ed.): *Iberian Modalities: A Relational Approach to the Study of Culture in the Iberian Peninsula*. Liverpool University Press: Liverpool 2013, pp. 1-19.
- Rina Simón, César: "Contextos y transdisciplinariedad en la renovación de los estudios ibéricos" In: Rina Simón, César (ed.): *Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica*. Universidad de Extremadura: Cáceres 2017, pp. 11-15.
- Sánchez Cervelló, Josep: *A Revolução Portuguesa e a sua evolução na transição espanhola (1961-1974)*. Assírio & Alvim: Lisboa 1993.
- Strippoli, Giulia: "A Revolução na imprensa e na vida dos militantes de Lotta Continua". In: Luís, Rita / Soutelo, Luciana / Silva, Carla Luciana (eds.): *A revolução de 1974-75: repercussão na imprensa internacional e memória(s)*. Instituto de História Contemporânea: Lisboa 2014, p. 83-97.
- Tuchman, Gaye: *Making News: A Study in the Construction of Reality*. The Free Press: New York 1978.
- Tylor, Edward B.: *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. Vol. 1. British Library Historical Print Editions: London 2011[1871].

Lista de Figuras

- Fig. 1: "Socialistas espanhóis no 1º de maio em Lisboa". *Diário de Lisboa*, 3.5.1974, p. 8.
- Fig. 2: "O último tango". *Diário popular*, 12.11.1974, p. 1.
- Fig. 3: *ABC*, 14.11.1973, p. 117.
- Fig. 4: *Diário 16*, 7.1.1978, p. 4.
- Fig. 5: *Arriba*, 24.4.1975.
- Fig. 6: *Informaciones*, 21.7.1975.
- Fig. 7: *Arriba*, 23.7.1975, p. 23.
- Fig. 8: *Diário popular*, 26.11.1974, p. 17.